

O homem *tem* um elemento imaterial e imortal em sua constituição

*Compreendendo a natureza humana*¹

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

Conforme a antropologia bíblica tradicional, o ser humano é uma *unidade composta divisível*, formado por dois componentes: um corpo material e uma alma/espírito imaterial e imortal (Gn 2.7; 1Rs 17.21, 22; Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; At 2.27, 31, *etc.*). Por ocasião da morte, essa porção espiritual e imperecível desprende-se do corpo, passando a partir daí a viver, conscientemente, num domínio espiritual (Gn 37.35; 1Sm 28; Mt 17.1-9; Lc 16.19-31; 23.43; 2Co 5.1-8; Fp 1.23; Hb 12.23, *etc.*). É isso que as Escrituras ensinam acerca da natureza e destino humanos, motivo pelo qual tem sido essa a fé do povo de Deus desde os tempos mais remotos.

No entanto, alguns grupos religiosos, notadamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová, discordam dessa maneira de pensar, ensinando que o homem não *tem* nenhuma porção invisível e imorredoura em sua natureza. Para adventistas do sétimo dia (ASD) e testemunhas de Jeová (TJ), o corpo não *tem* uma alma, mas *é* uma alma, de modo que a morte de um é o mesmo que a morte do outro. Por conta dessa visão antropológica, absolutamente nada sobreviveria à destruição do corpo.

Procurando bases para apoiar semelhante idéia, ASD e TJ apresentam dois conjuntos de textos bíblicos. O primeiro consiste de versículos que afirmam que homens e animais *são* “almas viventes” (Gn 1.20, 21, 24, 30; Gn 2.7, 19; 9.10, 12, 15, 16).

O emprego de *nephesh*-alma [...] em referência a toda sorte de animais revela claramente que *nephesh* não é uma alma imortal dada ao homem, mas o princípio animador de vida ou o “fôlego de vida”, presente tanto no homem quanto no animal. [...] O ponto importante a se notar nestas alturas é que tanto o homem

¹ A menos que haja outra indicação, todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia Almeida Corrigida e Revisada (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

quanto o animal são almas. [...] No Antigo Testamento a alma e o corpo são duas manifestações da mesma pessoa. A alma inclui e presume o corpo...²

Será que a “alma” é uma parte da pessoa que, na morte, se separa do corpo e continua vivendo? Segundo o *Holman Illustrated Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico Ilustrado de Holman), “alma muitas vezes se refere à pessoa como um todo”. Por exemplo, Gênesis 2:7 diz: “Jeová Deus passou a formar o homem do pó do solo e a soprar nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem veio a ser uma alma vivente.” O primeiro homem, Adão, era uma alma. [...] Que dizer dos animais e das plantas? São almas? Considere como a Bíblia relata a criação dos animais. Deus ordenou: “Produzam as águas um enxame de almas viventes.” No dia criativo seguinte, Deus disse: “Produza a terra almas viventes segundo as suas espécies, animal doméstico, e animal movente, e animal selvático da terra, segundo a sua espécie.” (Gênesis 1:20, 24) Portanto, todas as criaturas vivas — humanas ou animais — são almas.³

Em seguida, lançam mão do segundo conjunto de textos, nos quais é dito que a *alma morre* (Lv 19.28; Nm 31.19; Js 10.28; Jr 40.14, 15; Ez 18.4, 20, etc.).

A sobrevivência da alma no Antigo Testamento liga-se à sobrevivência do corpo, visto que o corpo é a manifestação exterior da alma. Isso explica por que a morte de uma pessoa é muitas vezes descrita como a morte da alma. [...] A sorte da alma está ligada à sorte do corpo. Sobre o episódio em que Josué conquistou as várias cidades além do Jordão, nos é dito repetidamente que “destruiu-os totalmente, e a todos os que nela estavam” [“destruiu toda alma-*nephesh*”, VKJ] (Js 10:28, 30, 31, 34, 36, 38). A destruição do corpo é vista como a destruição da alma.⁴

A Bíblia diz: “A alma que pecar — ela é que morrerá.” (Ezequiel 18:4) O aflito profeta Elias “começou a pedir que a sua alma morresse”. (1 Reis 19:4) Igualmente, Jonas “pedia que sua alma morresse”. (Jonas 4:8) Sim, a alma morre quando a pessoa morre; a alma não é imortal. Visto que a pessoa é uma alma, dizer que alguém morreu é o mesmo que dizer que sua alma morreu.⁵

Em posse desses dois grupos de passagens, fazem o seguinte raciocínio: “Se a Bíblia não somente declara que homens e animais *são* ‘almas viventes’, mas também diz que a *alma morre*, então o homem não possui nenhum aspecto imaterial e imortal em sua composição, que se separa do corpo na ocasião da morte”. Dessa forma, todos esses versículos, juntos, são usados por ASD e TJ para construir sua antropologia.

Entretanto, será que ASD e TJ, em sua já conhecida ânsia por negar a doutrina da imortalidade da alma, estão fazendo uma interpretação e um uso adequados desses textos bíblicos? A existência de passagens afirmando que

² BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspress, 1ª edição, 2007, pgs. 36, 37, 43.

³ Em: <http://www.watchtower.org/t/20070715/article_01.htm>. Acesso em: 06 dezembro 2010.

⁴ BACCHIOCCHI, Samuele, pgs. 43, 44.

⁵ Em: <http://www.watchtower.org/t/20070715/article_01.htm>. Acesso em: 06 dezembro 2010.

homens e animais são almas viventes, somado às passagens que dizem que a alma morre, sustentaria essa conclusão a que chegaram?

Para os cristãos mais desatentos e incautos, talvez esse arrazoado seja convincente. Contudo, para aqueles que se aproximam das Escrituras com um senso mais crítico, reflexivo, permitindo que o texto bíblico fale por si mesmo, essa interpretação fraudulenta do texto sagrado logo é desmascarada. Ao longo deste estudo, os leitores constatarão que essas passagens apresentadas por ASD e TJ, quando examinadas à luz de seu *contexto*, não falam absolutamente nada acerca de antropologia (o que somos), razão pela qual não podem ser usadas para apoiar nem para combater a idéia de que o homem tem um elemento imaterial e imortal em sua constituição.

A fim de comprovar esse uso equivocado dessas passagens, no tópico abaixo analisaremos alguns dos versículos que dizem que homens e animais *são* almas viventes. No tópico subsequente, deter-nos-emos nos textos que declaram que a alma *morre*. Finalmente, no último tópico apresentaremos passagens que comprovam que o homem *tem* um elemento imaterial e imortal em sua constituição, que sobrevive à morte do corpo.

Antes de iniciar o primeiro tópico, contudo, convém deixar dois avisos. Em primeiro lugar, o objetivo central deste estudo é demonstrar que os textos que ASD e TJ utilizam para construir sua antropologia não contêm ensinamento algum sobre esse tema bíblico. Essa constatação, evidentemente, deixa esses dois grupos religiosos sem bases bíblicas para dizer que nada sobrevive à dissolução do corpo. Em segundo lugar, este estudo não se propõe a falar sobre a *condição* da pessoa no intervalo entre a morte e a ressurreição, se ela ficaria consciente ou não. Para quem se interessar por esse assunto, encontram-se disponíveis, neste site, diversos estudos que tratam do estado dos mortos.

DEPENDENDO DO CONTEXTO, O HOMEM É UMA ALMA

Para aqueles que já estão acostumados com a leitura da Bíblia, é notório que a palavra “alma”, do hebraico *nephesh*, é polissêmica, ou seja, possui diversos sentidos. Por conta disso, nas 755 ocorrências de *nephesh* no Antigo Testamento,⁶ o *contexto* em que esse vocábulo aparece é fundamental para determinar o seu significado. A fim de que os leitores percebam isso, acompanhem os diversos sentidos que *nephesh* assume, tudo dependendo do contexto em que esse termo aparece:

Todas as **almas-nephesh**, pois, que procederam dos lombos de Jacó, foram setenta **almas-nephesh**; José, porém, estava no Egito (Êx 1.5; v. tb. Gn 46.27).

⁶ HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1998, pg. 986.

Quando entrares na vinha do teu próximo, comerás uvas conforme ao teu **desejo-nephesh**, até te fartares, porém não as porás no teu cesto (Dt 23.24; v. tb. Êx 15.9).

E disse Sansão: Morra **eu-nephesh** com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela havia; e foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em sua vida (Jz 16.30).

O que vendo ele [Elias], se levantou e, para escapar com **vida-nephesh**, se foi, e chegando a Berseba, que é de Judá, deixou ali o seu servo (1Rs 19.3).

E aconteceu que, aparecendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental, e o sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua **alma-nephesh** morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver (Jn 4.8).

De acordo com o contexto da primeira passagem acima, Êxodo 1.5, com qual sentido o escritor bíblico empregou *nephesh*? Sem dúvida alguma, com o sentido de “pessoas”. E no ambiente da segunda passagem, Deuteronômio 23.24? Aqui, *nephesh* foi utilizada com o sentido de “desejo”, “apetite”. E em Juízes 16.30, qual o sentido de *nephesh*? Nesse versículo, refere-se ao pronome pessoal “eu”. E na quarta passagem, 1Reis 19.3? Nesse contexto, *nephesh* significa “vida”: sentindo-se ameaçado por Jezabel, o profeta Elias fugiu para salvar sua *nephesh*, ou seja, sua “vida”. E no contexto da quinta e última passagem, Jonas 4.8? *Nephesh* significa “força”: Jonas “desejou com toda a sua força [*nephesh*] morrer”.

Lendo esses versículos acima, nenhum leitor seria capaz de concluir que *nephesh* refere-se a alguma porção imaterial e indestrutível do homem, que sobrevive à morte do corpo. E por quê? Porque os contextos em que essa palavra hebraica foi usada, nessas passagens, impedem-nos de extrair qualquer lição sobre a natureza humana. Em suma, o que queremos deixar bem claro é que o sentido de *nephesh* sempre será definido pelo *contexto*.

À luz desse detalhe fundamental da interpretação bíblica, uma investigação acerca da incidência do vocábulo *nephesh* na Bíblia nos ensina duas lições. A primeira é que existem contextos (como os dos versículos transcritos acima) nos quais *nephesh* não é usada para falar de antropologia, e aí esse vocábulo assume diferentes sentidos. Aliás, são nesses contextos que ASD e TJ encontraram *todas* as passagens que declaram que homens e animais são almas viventes e que a alma morre. A segunda constatação é que também existem contextos nos quais *nephesh* é empregada para falar sobre a natureza humana, e aí descobrimos que o homem *tem* um componente imaterial e imortal em sua constituição. Ou seja,

é nesse segundo ambiente lingüístico que devemos escavar a fim de encontrar lições sobre antropologia bíblica.

Após essas considerações iniciais, procedamos à análise do argumento de ASD e TJ de que a Bíblia, ao dizer que os homens (e os animais) *são* “almas viventes”, estaria ensinando que não temos nenhuma porção espiritual e imortal em nossa composição. Começemos pelo relato bíblico da criação, pois é nele que ficamos sabendo que *somos* “almas viventes”:

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem **tornou-se alma-nephesh vivente** (Gn 2.7; Almeida Revisada Imprensa Bíblica).

No contexto de Gênesis 2.7, seria totalmente descabido entender que “*alma-nephesh*” refere-se a algum aspecto espiritual que Adão tivesse. Indubitavelmente, aqui “*alma-nephesh*” significa “ser”, “criatura”. Se antes Adão era apenas um “boneco” de carne e ossos, sem vida, após Deus ter-lhe soprado o “fôlego da vida” ele “tornou-se um **ser-nephesh** vivente”, ou seja, seus órgãos passaram a funcionar, seu sangue começou a circular e assim por diante.

Dentro do ambiente de Gênesis 2.7, portanto, ASD e TJ estão certos em dizer que o homem *é* uma “*alma-nephesh* vivente”. Porém, incorrem em erro quando alegam que isso indica que o homem não tem um elemento imaterial e imortal em sua constituição. E por quê? Porque o simples fato de saber que Adão era um *ser vivo* (“*alma* vivente”) não traz qualquer informação sobre sua natureza, se ele possuía, além do corpo, alguma essência espiritual e imorredoura em seu interior.

Isso já responde à alegação de que o homem não seria dotado de uma porção imaterial e imortal, pois a Bíblia diz que os animais também são “*almas-nephesh* viventes”:

E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de **alma-nephesh vivente** [...] E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de **alma-nephesh vivente** que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies [...] E disse Deus: Produza a terra **alma-nephesh vivente** conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi. [...] E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há **alma-nephesh vivente**, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi (Gn 1.20, 21, 24, 30; v. tb. Gn 2.19; 9.10, 12, 15, 16; Lv 11.46).

Tanto aqui nesse trecho quanto em Gênesis 2.7, “*alma-nephesh* vivente” tem o sentido de “ser vivo”, “ser vivente”, “ser que respira”. Todavia, saber que tanto Adão quanto os animais *são* “*seres-nephesh* vivos” não nos fornece dado

algum sobre a natureza deles, se eles (Adão e os animais) possuiriam algum componente imaterial e imortal. Os contextos em que “alma-*nephesh* vivente” aparece, nos relatos da criação do homem e dos animais, impedem-nos de aprender qualquer coisa sobre antropologia bíblica.

Antes de terminar este tópico, convém fazer um comentário. Embora Gênesis 2.7 não use *nephesh* para falar de antropologia, esse versículo já traz, de forma embrionária, a noção de que o homem *tem* uma parte intangível e imortal em sua constituição, pois Adão recebeu um componente espiritual, o “fôlego da vida”, responsável por vivificar seu corpo:

Há, todavia, vislumbres da dupla natureza humana no Antigo Testamento. Gênesis 2.7 aponta veladamente para esse caminho. Há dois elementos constitutivos do homem: o material (o corpo) e o espiritual (o “sopro” de Deus), que faz daquela criatura “alma” ou “ser vivente”. Embora não haja ainda o conceito metafísico-teológico de “alma”, o princípio da dupla natureza se faz presente no texto.⁷

Como veremos mais adiante (a partir da p. 9), Deus, por meio da revelação progressiva, foi lançando mais luzes sobre como seria nossa natureza, e aí descobrimos que esse “fôlego de vida”, além de animar o corpo de Adão, também é um elemento imaterial e imortal, pois não morre juntamente com o corpo.

Conclusão

Neste primeiro tópico, fizemos notar que o homem (assim como os animais), enquanto ser vivo, evidentemente é uma “alma-*nephesh* vivente”. Entretanto, disso não se depreende que ele não tem uma parte intangível e imortal em sua constituição, pois o vocábulo *nephesh* não foi usado, nos contextos dessas declarações, para discorrer sobre antropologia. Em outras palavras, dizer que o homem é uma “alma-*nephesh* vivente” não nos possibilita saber absolutamente nada sobre nossa natureza.

Infelizmente, ASD e TJ cometem a mesma falha quando se deparam com passagens que declaram que a alma-*nephesh* morre e, em seguida, por não levarem em conta o contexto, concluem que nada sobrevive à destruição do corpo. É disso que trataremos no próximo tópico.

DEPENDENDO DO CONTEXTO, A ALMA MORRE

Existem inúmeros textos na Bíblia dizendo que a alma-*nephesh* morre. Por conta disso, ASD e TJ convenceram-se de que nenhuma porção invisível e imortal do homem resiste à dissolução do corpo. Tal conclusão equivocada

⁷ MENEZES, Aldo. *As Testemunhas de Jeová, a alma e o inferno*. Editora Vida, 1ª edição, 2004, pg. 14.

origina-se, evidentemente, da idéia já analisada no tópico anterior de que o homem, em sua totalidade, é uma alma-*nephesh* vivente. Isso equivale a dizer que o corpo é a alma (e vice-versa), de sorte que a morte de um é o mesmo que a morte do outro:

De uma perspectiva bíblica, o corpo e a alma não são duas substâncias separadas (uma mortal e outra imortal) que residem juntas dentro do ser humano, mas duas características da mesma pessoa. Johannes Pedersen admiravelmente resume este ponto com uma declaração que tem se tornado proverbial: “O corpo é a alma em sua forma exterior”. [...] Na morte, a alma não mais funciona como o princípio animador da vida, mas descansa na sepultura. [...] Quando o corpo é destruído e consumido de modo que seus aspectos não mais sejam reconhecidos, então a alma não mais existe, porque “o corpo é a alma em sua forma exterior”.⁸

Sim, a alma morre quando a pessoa morre; a alma não é imortal. Visto que a pessoa é uma alma, dizer que alguém morreu é o mesmo que dizer que sua alma morreu.⁹

Todavia, a falha desse raciocínio reside no fato de ASD e TJ não observarem o *contexto* em que é declarado que a alma-*nephesh* morre. Como veremos a seguir, nenhuma dessas declarações traz qualquer parecer acerca de nossa natureza, se seríamos ou não dotados de um ingrediente imaterial e imortal.

Eis que todas as **almas-*nephesh*** são minhas; como o é a **alma-*nephesh*** do pai, assim também a **alma-*nephesh*** do filho é minha: a **alma-*nephesh*** que pecar, essa *morrerá*. [...] A **alma-*nephesh*** que pecar, essa *morrerá*; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele e a impiedade do ímpio cairá sobre ele (Ez 18.4, 20).

Dentre os textos mais evocados por ASD e TJ para dizer que a alma morre—o que daria a entender que nada sobrevive à morte do corpo—sem dúvida esse de Ezequiel 18 é o mais usado. Entretanto, notem que esses dois versículos não fornecem lição alguma sobre o que somos. Em primeiro lugar, no contexto dessa declaração, fica claro que *nephesh* foi empregada com o sentido de “pessoa”, “indivíduo”: “Eis que todas as *pessoas* são minhas; como o é a *pessoa* do pai, assim também a *pessoa* do filho é minha: a *pessoa* que pecar, essa *morrerá*...”. Aqui, é evidente que a alma-*nephesh* morre, pois Ezequiel 18.4, 20 não emprega essa palavra para falar de antropologia, a fim de referir-se a alguma *parte* da constituição humana.

Em segundo lugar, isso que afirmamos acima é fortalecido, ainda mais, quando verificamos que ASD e TJ se precipitam ao interpretar a declaração: “a

⁸ BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspres, 1ª edição, 2007, pgs. 35, 44.

⁹ Em: <http://www.watchtower.org/t/20070715/article_01.htm>. Acesso em: 06 dezembro 2010.

alma que pecar, essa *morrerá*” (Ez 18.4, 20). Segundo eles, essa sentença indica que absolutamente nada sobrevive à morte da pessoa, pois, afinal, alma e corpo seriam uma só coisa. Para ASD e TJ, portanto, uma alma morta é a mesmíssima coisa que um corpo morto.

Contudo, essa leitura está muito longe de ser verdadeira, pois Ezequiel 18.4, 20 refere-se à *morte espiritual* (e não à morte do corpo), ou seja, à separação entre pecador e Deus ocasionada pelo pecado, como a seqüência do texto deixa claro: “Mas se o ímpio *se converter* de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e proceder com retidão e justiça, *certamente viverá, não morrerá*” (v. 21; v. tb. todo o trecho de Ez 18.22-32). Se a expressão “a alma que pecar, essa morrerá” fizesse alusão à morte física, como propõem ASD e TJ, então como que a pessoa que já morreu poderia *arrepender-se* de seu pecado e, assim, viver novamente? Impossível. Portanto, tal morte mencionada pelo profeta Ezequiel é a morte espiritual, mas de forma alguma a morte física.

Nesse caso, é evidente que no contexto de Ezequiel 18.4, 20 a alma-*nephesh* morre, pois *nephesh* não foi usada para falar de algum componente da natureza humana, tampouco da pessoa como um todo, como querem ASD e TJ. Essa passagem não tem nada a nos ensinar sobre constituição humana.

Pelos **mortos-*nephesh*** não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o SENHOR (Lv 19.28).¹⁰

No contexto dessa passagem de Levítico, *nephesh* foi empregada com o sentido de “mortos”. Contudo, acaso dizer que não devemos dar golpes em nosso corpo, nem tampouco marcá-lo, por causa dos “mortos-*nephesh*”, indica que o ser humano não tem uma essência imaterial e imperecível, que se aparta do corpo na ocasião da morte? É evidente que não.

E alojai-vos sete dias fora do arraial; qualquer que tiver matado alguma **pessoa-*nephesh***, e qualquer que tiver tocado algum morto, ao terceiro dia, e ao sétimo dia vos purificareis, a vós e a vossos cativos (Nm 31.19).

Mais uma vez, temos outro contexto no qual a Bíblia diz que a alma-*nephesh*, ou seja, a “pessoa” morre. Entretanto, que lições sobre nossa constituição extraímos dessa declaração? O simples fato de sabermos que uma pessoa-*nephesh* morreu indica que essa pessoa era destituída de um elemento espiritual, que sobreviveu à morte do corpo? Assim como todos os textos até aqui apresentados, esse é mais um que não emite parecer algum sobre a questão “Natureza Humana”.

¹⁰ Há outras passagens bíblicas que empregam *nephesh* com o sentido de “mortos”: Lv 21.1, 11; 22.4; Nm 5.2; 6.6, 11; 9.6, 7, 10; 19.11, 13; Ag 2.13.

E, naquele mesmo dia, tomou Josué a Maquedá, feriu-a a fio de espada e *destruiu* o seu rei, a eles e a toda **alma-nepshesh** que nela [havia]; nada deixou de resto; e fez ao rei de Maquedá como fizera ao rei de Jericó (Js 10.28; *Versão Almeida Revista e Corrigida*, 1995).

Aqui em Josué 10.28 (v. tb. vs. 30, 32, 35, 37, 39), o contexto é claro em mostrar que “*alma-nepshesh*” significa “pessoa”. Ora, saber que os israelitas mataram diversas “*peçoas-nepshesh*” prova que essas pessoas que morreram não tinham uma porção imaterial em sua composição? Absolutamente. Portanto, o texto de Josué 10.28 não serve para apoiar nem para desapoiar a idéia de que o homem é dotado de uma porção incorpórea e imortal.

E disseram-lhe: Bem sabes que Baalis, rei dos filhos de Amom, enviou a Ismael, filho de Netanias, para tirar-te a **vida-nepshesh** (Jr 40.14).

Acaso o uso de *nepshesh*, nesse contexto, contradiz a noção de que o ser humano possui uma parte espiritual e imortal? Não, pois Jeremias 40.14 não faz qualquer pronunciamento antropológico.

Conclusão

Ao término deste tópico, verificou-se que as passagens que dizem que a *alma-nepshesh* morre não têm força alguma para contradizer a idéia de que o ser humano foi criado com um ingrediente espiritual e imortal. Assim como vimos no tópico anterior, novamente ASD e TJ falham em não observar o contexto em que *nepshesh* aparece. Se tivessem atentado para esse detalhe fundamental da interpretação bíblica, teriam percebido que a declaração “a *alma-nepshesh* morre” não traz quaisquer revelações sobre nossa natureza.

DEPENDENDO DO CONTEXTO, O HOMEM TEM UMA ALMA IMATERIAL E IMORTAL

Até este ponto, mostramos somente passagens que ASD e TJ usam para dizer que não existe nenhum componente espiritual e imortal no homem. Como vimos, os contextos de todas essas passagens não empregam *nepshesh* para falar de nossa natureza, pelo que tais passagens não têm autoridade alguma para estabelecer doutrina sobre esse tema bíblico. A partir de agora, passamos a mostrar versículos cujos contextos trazem *nepshesh* no seu sentido antropológico, ou seja, contextos em que podemos aprender, de fato, sobre a constituição humana.

Antes, porém, julgamos de suma importância não somente explicar o método de pesquisa que utilizamos para extrair da Bíblia lições sobre antropologia, mas também contrastá-lo com o método usado por ASD e TJ.

Caso os leitores não saibam, os assuntos “Natureza Humana” e “Destino Humano” estão intimamente relacionados, pois nossa antropologia (“o que somos”) afeta inevitavelmente nossa escatologia individual (“para onde vamos após a morte”). Em resumo: se acreditamos que o homem tem um componente imaterial e imortal, então logicamente temos que acreditar que esse componente, após a morte do corpo, separa-se desse corpo, indo para algum lugar.

Ora, ter ciência dessa relação entre “Natureza Humana” e “Destino Humano” é fundamental no momento em que estivermos investigando aquilo que a Bíblia ensina sobre nossa constituição. E por quê? Porque se quisermos saber se temos ou não uma porção espiritual e imortal, o caminho mais seguro é recorrer, prioritariamente, a textos bíblicos que falem diretamente sobre *aquilo que acontece com a pessoa no momento da morte* (ou a textos que falem sobre o estado dessa pessoa no pós-túmulo). Afinal de contas, “Natureza Humana” e “Destino Humano” são as duas faces de uma mesma moeda, de modo que o conhecimento de um desses assuntos lança luzes sobre o outro. Enfim, é esse o caminho que percorremos a fim de saber aquilo que as Escrituras ensinam sobre antropologia.

Contudo, embora ASD e TJ saibam dessa relação existente entre “Natureza Humana” e “Destino Humano”, eles erram ao não *aplicarem* esse conhecimento na hora de construir sua antropologia. Isso explica por que as passagens que apresentam não contêm lição alguma sobre a natureza humana, pois as mesmas nada falam sobre o que acontece com uma pessoa no momento de sua morte.

A fim de que os leitores vejam o método de pesquisa que empregamos sendo aplicado, acompanhem as análises dos textos a seguir, começando por uma comparação entre estes dois textos:

E, naquele mesmo dia, tomou Josué a Maquedá, feriu-a a fio de espada e *destruiu* o seu rei, a eles e a toda **alma-nepshesh** que nela [havia] [...] (Js 10.28).

E aconteceu que, *saindo-se-lhe* a **alma-nepshesh** (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamim (Gn 35.18).

Os leitores notaram a diferença no emprego de *nepshesh* nessas duas passagens? Na primeira, usada por ASD e TJ, por não existir nenhuma informação sobre o que ocorre no momento da morte de uma pessoa, ficamos impossibilitados de extrair qualquer ensinamento sobre nossa constituição. Assim, no contexto de Josué 10.28, a única coisa que aprendemos desse versículo é que pessoas-*nepshesh* foram mortas, nada mais. No entanto, na segunda passagem temos uma descrição do que ocorreu no momento da morte de Raquel, e esse tipo de texto, conforme o método de pesquisa que

defendemos, contém lições sobre antropologia: segundo Gênesis 35.18, um elemento chamado *nephesh* **saiu** do corpo de Raquel no momento da morte dessa matriarca. Ou seja, podemos inferir desse versículo que o homem *tem* um aspecto imaterial e imortal, chamado *nephesh*, que não morre juntamente com o corpo.

No entanto, vejam as dificuldades e contradições que surgem quando alguém, como o erudito adventista Samuele Bacchiocchi, defende a equivocada antropologia de que a alma, por ser *igual ao corpo*, morre junto com este:

Interpretar a sentença “sair-lhe a alma” como significando que a alma imortal de Raquel estava *deixando seu corpo* enquanto ela morria contraria o ensino coerente do Antigo Testamento de que *a alma morre com o corpo*.¹¹ (itálicos acrescentados)

Embora Gênesis 35.18 afirme explicitamente: “*saindo-se-lhe a alma*”, Bacchiocchi consegue, incrivelmente, contradizer essa afirmação, dizendo que nenhuma “alma imortal de Raquel estava *deixando seu corpo*”. Para ele, essa *nephesh* mencionada *morreu junto com o corpo* de Raquel (afinal de contas, Bacchiocchi acredita que alma e corpo são uma só coisa). Porém, se morreu, então como que pôde *sair* do corpo dela? Enfim, um elemento chamado *nephesh* saiu ou não do corpo de Raquel? O texto sagrado declara, taxativamente, que a *nephesh* saiu do corpo de Raquel no momento da morte, o que demonstra que esse elemento não morre com o corpo; Bacchiocchi, no entanto, diz que essa *nephesh* não saiu, mas morreu juntamente com o corpo de Raquel. Em quem devemos acreditar?

Todavia, as contradições não param por aí. Em Gênesis 35.18, Bacchiocchi diz que “a alma morre com o corpo”; porém, no texto de 1Reis 17.21, 22, que declara que a alma-*nephesh* de um menino morto saiu e retornou ao seu corpo, ele diz “que o cessar de respirar é que causou a *partida* da alma-*nephesh*, de modo que a recuperação da respiração provocou o retorno da alma”.¹² Ora, por que a alma-*nephesh* de Raquel *morreu*, mas a alma-*nephesh* do menino *não morreu*? (Afinal, *nephesh* nesses dois textos refere-se à mesmíssima coisa: um elemento essencial à vida do corpo, cuja saída provoca a sua morte.) Será que a “alma-*nephesh* masculina” é *mais forte e importante* que a “alma-*nephesh* feminina”, de modo que somente esta última morre junto com o corpo?

A propósito, já que mencionamos o texto de 1Reis 17.21, 22, vamos analisá-lo, pois esse texto, ao descrever o que se sucede no momento da morte, também nos traz informações sobre nossa natureza:

¹¹ BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspres, 1ª edição, 2007, pg. 45.

¹² *ibid.*, pg. 46.

Então [Elias] se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que a **alma-nephesh** deste menino **torne a entrar nele**. E o SENHOR ouviu a voz de Elias; e a **alma-nephesh** do menino **tornou a entrar nele**, e reviveu (1Rs 17.21, 22).

Segundo 1Reis 17.21, 22, um elemento chamado *nephesh* **saiu** do corpo do menino, ocasionando sua morte. Porém, o **retorno** dessa mesma *nephesh* fez com que ele voltasse a viver. Essa descrição nos faz concluir que nossa natureza é formada de dois elementos, um material, o corpo, e outro espiritual, a *nephesh*.¹³

Comentando esse texto, Bacchiocchi argumenta:

Deve-se admitir que tomado isoladamente este texto poderia ser tido como significando que a alma deixa o corpo por ocasião da morte e nesse caso foi recuperada pela oração de Elias. Esta conclusão obviamente apoiaria a crença de que a alma é imortal e sobrevive à morte do corpo. Três principais razões nos levam a rejeitar esta interpretação. *Primeiro, nem nesta passagem nem em qualquer outra da Bíblia há qualquer indicação de que a alma humana é imortal*. Pelo contrário, temos visto que a alma é o princípio que anima a vida manifesta no corpo enquanto o corpo está vivo.¹⁴ (itálico acrescentado)

Novamente, Bacchiocchi nega que “*alma-nephesh*”, nesse contexto, seja um componente imaterial e imperecível do homem. Ora, se a *nephesh* **saiu** do corpo do menino e, em seguida, **retornou**, então como que ela não era imortal? Embora Bacchiocchi defenda que a *nephesh* perece junto com o corpo, o texto de 1Reis 17.21, 22 claramente desmente isso, dizendo que a *nephesh* saiu e, em seguida, retornou ao corpo do menino. Novamente: em quem devemos acreditar?

Aliás, a exemplo do que ocorreu com Gênesis 35.18, Bacchiocchi se contradiz, pois no primeiro parágrafo de sua análise de 1Reis 17.21, 22 ele declara que “nem nesta passagem nem em qualquer outra da Bíblia há qualquer indicação de que a alma humana é imortal”. Porém, no parágrafo seguinte ele diz “que o cessar de respirar é que causou a **partida da alma-nephesh**, de modo que a recuperação da respiração provocou o retorno da *alma-nephesh*”.¹⁵ Novamente, como que a “*alma-nephesh*” do menino pôde ter

¹³ Falando de outra maneira, os textos de Gênesis 35.18 e 1Reis 17.21, 22 usam *nephesh* para falar de um “elemento” da constituição humana porque essa *nephesh* mencionada é *essencial* para vivificar o corpo. Se não fosse essencial, então o corpo não necessitaria dela para ter vida. Logo, conclui-se que a nossa natureza consiste de *dois componentes essenciais*: o corpo e a *nephesh*.

¹⁴ BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno*. Unaspres, 1ª edição, 2007, pg. 46.

¹⁵ *ibid.*, pg. 46.

morrido com o corpo, mas, ao mesmo tempo, ter partido, saído desse corpo? É possível explicar essa incoerência?

O problema de Bacchiocchi é que ele não tem uma única passagem bíblica que, ao tratar de antropologia, ensine que **corpo** e **alma-nephesh** sejam iguais. Assim, embora ele afirme vigorosamente que no Antigo Testamento “nem uma única vez a palavra [*nephesh*-alma] transmite a idéia de uma entidade imaterial, imortal capaz de existir à parte do corpo”,¹⁶ os textos de Gênesis 35.18 e 1Reis 17.21, 22 desmentem-no, dizendo que a *nephesh* sobrevive à dissolução do corpo.

Como dissemos na Introdução deste estudo, nosso objetivo aqui não é demonstrar se a pessoa possui ou não uma alma que fica *consciente* após a morte. Porém, uma coisa é inegável: até agora, os textos de Gênesis 35.18 e 1Reis 17.21, 22 deixaram claro que alguma “coisa” imaterial e imortal, que a Bíblia chama “*nephesh*”, não morre juntamente com o corpo. Além disso, esses dois textos nos ensinam que essa *nephesh* é indispensável para que o corpo tenha vida, motivo pelo qual ambos fazem parte da natureza humana.

Prosseguindo, vejamos outros textos bíblicos que, ao narrarem aquilo que acontece na ocasião da morte, nos trazem lições sobre nossa natureza:

E não temais os que matam o corpo e **não podem matar a alma-psyche**; temeí antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo (Mt 10.28).¹⁷

Aqui, o próprio Jesus disse que o homem tem um elemento em sua constituição, chamado *alma-psyche*,¹⁸ que não perece com o corpo. Tal declaração harmoniza-se perfeitamente com os textos de Gênesis 35.18 e 1Reis 17.21, 22 que já analisamos anteriormente.

E o pó volte à terra, como o era, e o **espírito-ruach** volte a Deus, que o deu (Ec 12.7).

Tendo como pano de fundo o relato bíblico da criação do homem (Gn 2.7), Salomão apresenta-nos outra descrição sobre o que se passa no momento da partida de alguém. Segundo ele, enquanto o corpo vai para a terra, um componente chamado “*espírito-ruach*” retorna a Deus. Ou seja, assim como todos os textos mencionados anteriormente, o ser humano tem um elemento imaterial e imorredouro em sua constituição, que vive independentemente do corpo físico.

¹⁶ *ibid.*, pg. 47.

¹⁷ Encontra-se disponível neste site um estudo completo em torno do texto de Mateus 10.28.

¹⁸ *Psyche* é o equivalente grego, usado no Novo Testamento, do vocábulo hebraico *nephesh*, usado no Antigo Testamento.

Mas ele [Jesus], pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina. E o seu **espírito-pneuma** **voltou**, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer (Lc 8.54, 55).

Nessa outra passagem, Lucas nos informa que o ser humano tem um elemento imaterial e imortal, denominado “espírito-pneuma”, cuja função é animar o corpo físico. Quando esse espírito separa-se do corpo por ocasião da morte, este morre; porém, quando retorna, o corpo é revivificado.

fôlego da vida = alma = espírito

Neste ponto, julgamos necessário fazer um esclarecimento. Quando a Bíblia fala do componente imaterial e imortal do ser humano, responsável por vivificar o corpo, ela faz uso de três designativos *sinônimos*: “fôlego da vida”, “espírito” e “alma”. A igualdade desses três termos vem à tona quando comparamos alguns dos textos bíblicos já apresentados, cujos conteúdos contêm lições sobre antropologia:

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o **fôlego da vida**; e o homem tornou-se alma vivente (Gn 2.7).

E o pó volte à terra, como o era, e o **espírito-ruach** volte a Deus, que o deu (Ec 12.7).

Mas ele [Jesus], pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina. E o seu **espírito-pneuma** **voltou**, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer (Lc 8.54, 55).

E aconteceu que, *saindo-se-lhe* a **alma-nephesh** (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamim (Gn 35.18).

Então [Elias] se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que a **alma-nephesh** deste menino torne a entrar nele. E o SENHOR ouviu a voz de Elias; e a **alma-nephesh** do menino tornou a entrar nele, e reviveu (1Rs 17.21, 22).

Comparando-se os três primeiros versículos acima, percebe-se que o “fôlego da vida”, cuja função era vivificar o corpo sem vida de Adão (Gn 2.7), também é chamado de “espírito” (Ec 12.7). Quando esse fôlego da vida/espírito *sai* desse corpo, a pessoa morre; porém, quando *retorna*, aí então a pessoa volta à vida

novamente (Lc 8.55). Dessa maneira, percebemos que *fôlego da vida* e *espírito* são uma só coisa: o elemento da natureza humana que, além de animar o corpo, ainda é imaterial e imortal, pois não morre junto com o corpo.

Todavia, será que as Escrituras associam o espírito (e, conseqüentemente, o fôlego da vida) também à alma, considerando-os iguais? Sim, pois os textos de Gênesis 35.18 e 1Reis 17.21, 22 igualmente mencionam um componente chamado “alma” que, além de dar vida ao corpo, ainda sai (ou retorna) deste na circunstância da morte (ou da ressurreição).

A fim de que essa igualdade entre *espírito* e *alma* fique ainda mais clara, acompanhem abaixo uma comparação entre os relatos de ressurreição registrados em 1Reis 17.21, 22 e Lucas 8.55. Se fizermos uma rápida leitura desses textos, de imediato já notamos que eles são quase que idênticos, a não ser por uma única diferença: enquanto 1Reis 17 traz a palavra “alma”, Lucas 8 traz a palavra “espírito”. Como veremos a seguir, essa diferença é muito significativa, pois comprova que *espírito* e *alma*, quando em contextos que tratam de antropologia, identificam-se tanto pelo que *são* quanto pelo que *fazem*:

1. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “*alma-nephesh*” sai do corpo, a pessoa morre. Em Lucas 8.55, quando o “*espírito-pneuma*” sai do corpo, a pessoa também morre.
2. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “*alma-nephesh*” volta ao corpo, a pessoa revive. Em Lucas 8.55, quando o “*espírito-pneuma*” volta ao corpo, a pessoa também revive.
3. Em 1Reis 17.21, 22, a “*alma-nephesh*” não morre junto com o corpo. Ou seja, ela é imortal. Em Lucas 8.55, o “*espírito-pneuma*” também não morre junto com o corpo. Ou seja, ele também é imortal.
4. Em 1Reis 17.21, 22, a “*alma-nephesh*” é imaterial. Em Lucas 8.55, o “*espírito-pneuma*” também é imaterial.
5. Em 1Reis 17.21, 22, a “*alma-nephesh*” é essencial para vivificar o corpo. Em Lucas 8.55, o “*espírito-pneuma*” também é essencial para vivificar o corpo.
6. Em 1Reis 17.21, 22, a “*alma-nephesh*” é um elemento que faz parte da constituição humana. Em Lucas 8.55, o “*espírito-pneuma*” também é um elemento que faz parte da constituição humana.

Conforme essa comparação, *alma* e *espírito* não apenas são idênticos (são elementos imateriais e imortais da natureza humana), mas realizam a mesmíssima função (fazem com que o corpo tenha vida). E se *alma* e *espírito* são iguais, segue-se que ambos também são iguais ao fôlego da vida. Isso, evidentemente, torna a fórmula **fôlego da vida = alma = espírito** um resumo perfeito daquilo que *é* e *faz* a única porção imaterial da constituição humana.

Conclusão

As passagens apresentadas neste tópico comprovaram que o método de investigação que empregamos para aprender antropologia bíblica é plenamente seguro. Ao contrário dos textos que ASD e TJ usam para apoiar sua visão antropológica precipitada, sem dúvida o melhor caminho é recorrer aos textos que descrevem aquilo que acontece com o indivíduo no momento de sua morte. E, ao fazer isso, constatou-se a existência de contextos em que ficamos sabendo que o homem tem em sua constituição uma porção imaterial e imortal, responsável por vivificar seu corpo, a qual a Bíblia chama “fôlego da vida”, “espírito” ou “alma”, três termos intercambiáveis, sinônimos.

CONCLUSÃO FINAL

Ao examinarmos os dois conjuntos de passagens apresentadas por ASD e TJ para negar que o homem tem uma parte espiritual e imortal, verificou-se que os contextos em que *alma-nephesh* foi empregada, nessas passagens, não contêm lição alguma sobre nossa natureza. Quando a Bíblia declara que homens (e animais) são “almas-*nephesh* viventes”, bem como que a *alma-nephesh* morre, ela não está fazendo nenhum pronunciamento antropológico, e isso deixa ASD e TJ desprovidos de bases bíblicas para sustentar sua visão acerca da natureza humana. Como o método de pesquisa bíblica que usaram é errado, nada mais natural que acabassem abraçando uma antropologia errada.

No entanto, os textos bíblicos apresentados no terceiro tópico deste estudo serviram para corroborar, ainda mais, a antropologia prevalecente entre o povo de Deus, segundo a qual o ser humano tem um elemento imaterial e imortal em sua estrutura. Essa verdade pode ser vista logo no relato da criação do homem, em Gênesis 2.7, onde a Bíblia já acena com a idéia de que o homem é uma *unidade composta*. Ao longo das Escrituras, Deus foi expandindo essa idéia, revelando-nos que:

1. A natureza humana consiste de *dois* elementos: um elemento *material* e um *imaterial*.
2. Além de imaterial, esse elemento também é *imortal*, pois não é afetado pela morte do corpo.
3. A *vida* do corpo reside nesse elemento, de modo que quando ele sai do corpo, este morre; porém, quando retorna, então o corpo é revivificado. Disso, inferimos que um corpo sem esse elemento é um corpo *morto*; porém, esse elemento sem um corpo não é um elemento morto.

Quando vamos a outras passagens das Escrituras, descobrimos que esse elemento imaterial e imortal, cuja função é infundir vida no corpo, mantém-se

consciente após a morte, e, nesse estado, ficará aguardando—seja em bem-aventurança no céu, seja em agruras no Hades—o dia da ressurreição dos mortos.

Paulo Sérgio de Araújo